

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A JORNADA: UMA NARRATIVA SOBRE A EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL EM
UMA ESCOLA INOVADORA**

JÉSSICA MAMEDE COSTA CAMPOS

Brasília – DF
2017

Jéssica Mamede Costa Campos

**A JORNADA: UMA NARRATIVA SOBRE A EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL EM
UMA ESCOLA INOVADORA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal
Rodrigues

Brasília – DF
2017

CAMPOS, Jéssica Mamede Costa

Relato de Experiência: A Jornada: uma narrativa sobre a experiência audiovisual em uma escola inovadora. Jéssica Mamede Costa Campos. Brasília: UnB. 2017. 58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2017. Jéssica Mamede Costa Campos

**A JORNADA: UMA NARRATIVA SOBRE A EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL EM
UMA ESCOLA INOVADORA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Defendida e aprovada em 04 de Dezembro de 2017.

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Maria Alexandra Militão Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a M.^a Lisa Minari Hargreaves
Instituto de Artes da Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a todas as pessoas que buscam por mudanças para melhorar seja o que for.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por nunca me abandonar. Sinto sua presença, seu amor que sempre me fortalece.

Agradeço especialmente à minha mãe, Maristela Weyl da Costa, por todo amor e dedicação imprescindível ao longo deste trabalho.

Agradeço à minha família por sempre acreditar em mim, me ouvirem e sofrerem junto comigo.

Agradeço à minha orientadora Fátima Vidal, pela sua disponibilidade, incentivo, tranquilidade, e atenção.

Agradeço ao meu noivo, Daniel Francisco Timbó Lima, pelo amor, paciência, confiança, apoio e força em todas as horas.

Agradeço ao meu pai Alexandre Magno Pereira Campos, por me inspirar ao nome da personagem da história.

Agradeço aos meus colegas e amigos que sempre me apoiam e ajudam.

Agradeço a todos, que de alguma forma, contribuíram para a concretização deste sonho.

Meu Muito Obrigada!

“O respeito a autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (...)”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral registrar e problematizar a experiência vivida ao longo de seis meses na Associação Pró – Educação Vivendo e Aprendendo, especialmente na Escola Vivendo e Aprendendo Fundamental. Discorre sobre a vivência e a experiência da autora nas práticas pedagógicas da escola, com objetivo de provocar e motivar uma nova maneira de enxergar alternativas de aprendizagem na qual normalmente não são utilizadas, descobrindo novos caminhos e metodologias de ensinar e aprender. A autora utiliza três linguagens das artes: a música, em que conta sua formação educativa; a literatura com a qual faz um conto sobre o relato de sua experiência e por fim, como projeto final, a realização audiovisual com a produção de um vídeo. Para esse registro e problematização os autores Freire (2003), Boles (2017), Rolnik (1992), Moran (1995) e Rodrigues (2012) foram os norteadores da significação dada às linguagens escolhidas para o trabalho. Este trabalho nos leva a considerar que a autora criou um ambiente dinâmico, proporcionando uma maior participação e uma experiência de aprendizagem mais rica para os estudantes que só foi possível, pois o lugar onde estava, a escola Vivendo e Aprendendo Fundamental, é um lugar novo e aberto que se constitui como um espaço de educação onde as crianças são as principais personagens.

Palavras-chave: Experiência, Educação, Práticas pedagógicas, Escola.

ABSTRACT

The current essay has the general objective of registering and problematizing the experience over the course of six months at *Associação Pró – Educação Vivendo e Aprendendo*, especially at *Escola Vivendo e Aprendendo Fundamental*. It discusses the experience of the author on the pedagogical practices of the school, to motivate a new way to find alternatives of apprenticeship that are not normally used, discovering new paths and methodologies to teach and learn. The author uses three artistic languages: music, through which she talks about her educational background; literature, with the writing of a tale about her experience; and the final project, an audiovisual realization with video production. For the elaboration of this work, authors Freire (2003), Boles (2017), Rolnik (1992), Moran (1995) and Rodrigues (2012) were used as guides to comprehend the meaning of the chosen forms of artistic languages. This study leads us to consider that the author has created a dynamic environment, providing a more substantial participation and a richer learning experience for the student, that was only possible because the school is new, open minded and a place where the children are the protagonists.

Keywords: Experience, Education, Pedagogical practices, School.

LISTA DE FIGURAS

1. Convite do evento “Cocô nas Calças”
2. Oficina de Brinquedos
3. Oficina de Perna de Pau
4. Oficina de Brinquedos
5. Entrada da escola
6. Xadrez
7. Tatame Azul
8. “Guarda Itens”
9. “Sala do Cocô e Xixi I”
10. Jardim
11. “Sala de cinema”
12. Armário de brinquedos
13. Espaço de leitura
14. “Sala do Planejamento”
15. Agendas
16. “Sala da Tartaruga”
17. Espaço da Culinária
18. Exemplo de Planejamento Organizativo
19. Os bebês de Sebastião Salgado
20. Aula de enquadramento
21. Marina andando com rodinhas
22. Jeka ensinando Marina a andar sem rodinhas
23. Jogando beto
24. Contaçon de história
25. Crianças fazendo atividade de pintura
26. Estruturando o projeto do telejornal
27. Sofia na mesa com o pano e alguns materiais
28. José com a Câmera
29. Marina com a claquete
30. Educadora com o cartaz
31. Sofia como repórter
32. Todos em posição

33. Tripé improvisado
34. Jeka com perna de pau
35. Prato de macarronada
36. Artur como repórter
37. Sofia e Marina entrevistadas
38. Artur, José e João
39. João como repórter
40. Sofia, Artur e José
41. Tentativa de filmagem no quintal
42. Educador da equipe de apoio
43. Artur, Marina, João e Sofia
44. Folheto produzido com as escritas das crianças

Sumário

PARTE 1 - MEMORIAL	13
PARTE 2 – RELATO DE EXPERIÊNCIA	16
INTRODUÇÃO	16
A JORNADA.....	24
1.1 O COMEÇO DE TUDO	24
1.2 O LUGAR MÁGICO.....	26
1.3 A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE VALE?.....	31
1.4 CADÊ O ÂNIMO?.....	35
1.5 O DESPERTAR.....	41
1.6 CONSTRUINDO O PROJETO	41
A GRANDE APRESENTAÇÃO – CONSIDERAÇÕES DE UM FINAL	51
PARTE 3 - PERSPECTIVAS FUTURAS	55
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE	57
Apendice A. Termo de autorização de uso de imagem e voz	57
Apendice B. Termo de autorização de uso de imagem e voz	58

PARTE 1 - MEMORIAL

Um jeito novo de apresentar
 O memorial que eu vou relatar
 Não se apavore e nem se desespera
 Você vai gostar, senão desconsidere

Essa nova história vai te contar
 De uma menina que adora inovar
 Ela se chama Jéssica Mamede
 E vamos ver como é que ela se
 sucede?

Logo que nasceu teve que conviver
 Com outras crianças teve que
 aprender
 Sua mãe não teve com quem a deixar
 E na creche Assefe ela foi parar

A principal memória dela nos relata
 A menina com um giz em uma calçada
 Desenhos variados ela rabiscou
 Brincando com as formas que ela
 gizou

Teve uma infância muito bem vivida
 Numa chácara que é muito divertida
 Com muitas brincadeiras e aventuras
 Contribuindo pra sua formação futura

Quando saiu da creche foi pro
 Imaculada
 Uma escola grande e diversificada
 Foi alfabetizada pela tia Katia
 Mas é da tia Claudia que ela mais
 gostava

Durante 7 anos marcou sua
 caminhada
 Onde aprendeu toda a tabuada
 Uma inovação então aconteceu
 Com as aulas de música ela floresceu

A musicalização sempre se fez
 presente
 Numa rotina que ainda é frequente
 Ajudando muito em sua aprendizagem
 E na formação de sua personagem

Uma mudança foi tão radical
 Na vida dessa menina de estilo
 musical
 Teve que aprender uma forma de
 estudar
 Foi então que ela começou a rimar

Outro conflito que ela viveu
 Foram os amigos que ela perdeu
 Ficaram na escola que ela saiu
 Mas foi no Leonardo que ela progrediu

Como em todos os colégios teve que
adaptar

Uma jornada de estudos teve que
encarar

Mas nunca desistiu desses desafios
Onde amadureceu seu lado juvenil

Amadureceu e fez novas amizades
E dessa convivência veio a
cumplicidade
Noites mal dormidas, trabalhos pra
fazer

Mas nada disso fez ela estremecer

No seu dia a dia isso só contribuiu
No seu crescimento ela conseguiu
Ser uma boa aluna e se tornar
destaque

Dentro de um colégio que tem
notoriedade

Alguns professores fizeram a diferença
Em sua orientação, formação e
sabença

Porém, a menina não sabia o que
cursar

E a vocação ela teve que encarar

Mesmo sem terminar ela ainda tentou

Em um vestibular ela se arriscou

Alguns amigos dela passaram na UnB

E ela continuou no seu decorrer

Quando o ensino médio então chegou
ao fim

A menina se encontrava num túnel
sem fim

Um cursinho ela teve que frequentar
Para ajudá-la em que rumo irá tomar

Uma vocação sempre lhe pulsou
E mais um vestibular ela prestou
E como já previa a sua intuição
Teve que assumir a sua vocação

Pedagogia foi o curso que escolheu
E desde criança que assim se deu
Com o exemplo em casa ela se
espelhava

E de escolinha ela sempre brincava

No começo foi tudo novidade
Um mundo dentro de uma
universidade

Aquela menina que um dia cresceu
Se encantou com tudo que apareceu

Desde o início ela participou
De alguns projetos que a estimulou
A continuar no que estava fazendo
E pelo seu curso foi se envolvendo

Muitas vivências foram praticadas
Leituras, fotografias, filmagens
registradas
Dessas atividades adquiriu experiência
Que porá em prática a sua
competência

Da contação de leitura dialógica
Surgiu uma emoção um tanto quanto
lógica
Criou-se um afeto com as crianças
Aumentando a certeza e a sua
esperança

Aprendeu na prática a ser professora
Numa realidade um pouco
assustadora
De Uma educação tão convencional
Necessitando de mudança radical

É sobre isso que está procurando
Uma educação sempre inovando
Sem uma receita nem formula pra se
usar
E sim toda criatividade para se superar

Amigos e família sempre estão
presentes
Mas um que a marcou hoje está
ausente
E uma homenagem a ele vai fazer
Seu tio Sérgio down lhe ensinou a
viver

Ela sempre teve personalidade
Inovava com a criatividade
Na hora de estudar tinha que facilitar
No final das contas tudo tinha que
rimar.

PARTE 2 – RELATO DE EXPERIÊNCIA

INTRODUÇÃO

Sou estudante de pedagogia, futura educadora, mas calma lá, não serei aquele tipo de professora que toma a frente de tudo. Serei uma professora que busca uma constante mudança na vida, onde a vida muda constantemente. E por que não a educação também mudar continuamente e parar de achar que esses padrões tradicionais adquiridos dão resultados consideráveis? Sinto lhe dizer, não dão.

Costumava achar que de um jeito ou de outro era aceitável ensinar de modo convencional como se tem na maioria das escolas. Foi então que precisei ver de perto que muito poderia ser feito para melhorar a qualidade de ensino. Uma vontade de mudança nasceu dentro de mim.

Foi em um momento da minha vida que me encontrei disposta a conhecer o novo e ter coragem de experimentar o máximo possível. Ter a sensação de conquistar novos saberes, prazer ao descobrir algo, procurar um caminho desconhecido a cada dia.

Na Vivendo e Aprendendo Fundamental encontrei um lugar mágico, que promoveu outros olhares e me proporcionou essa busca para novos meios de ensinar e aprender e onde vivenciei experiências únicas. Fui desenvolvendo uma motivação a cada encontro e era isso que me impulsionava a chegar e lançar nesse novo mundo, vivendo algo jamais esquecido e completamente incrível.

No decorrer do curso, deparei-me com uma realidade nas escolas um pouco assustadora e estagnada, seguindo o método tradicional onde o professor é o centro da aprendizagem e o aluno um mero reprodutor. Então, comecei a pensar sobre o tema para meu trabalho de conclusão de curso.

A frustração que estava sentido de uma educação padronizada e diante do grande desafio em criar novas estratégias para uma educação de qualidade me fez refletir sobre alguns aspectos. Eu queria encontrar e vivenciar um jeito novo e significativo de ensinar e aprender buscando por mudanças educacionais e de qualidade.

A Vivendo e Aprendendo Fundamental é uma escola que se organiza a partir da metodologia de projetos, pautada nas bases curriculares. E que tem em seu planejamento um momento que chamou mais minha atenção, direcionei para metodologia do ensino autodirigido, produzindo autonomia para as crianças em seus processos investigativos e projetos individuais, nos quais o professor deixa de ser o centro da informação, incorporando novos papéis como mediador, facilitador, mobilizador, e conseqüentemente centralizando nos alunos a responsabilidade por sua própria aprendizagem, promovendo o desenvolvimento de competências e saberes coletivos, contribuindo para uma nova sociedade.

Segundo Blake Boles (2017), a aprendizagem autodirigida trata-se de uma expressão que representa liberdade, escolha e a postura de se abraçar a aprendizagem em qualquer lugar onde se esteja.

Essa aprendizagem autodirigida interfere, influencia, produz e potencializa a autonomia dos alunos em uma proposta inovadora de escola como a Vivendo e Aprendendo Fundamental. De acordo com Blake Boles (2017 p, 62):

Todo aprendiz autodirigido precisa de um alto grau de autonomia: liberdade para tomar suas próprias decisões; de maestria: a oportunidade de ser excelente em várias habilidades em vez de apenas apalpar a superfície; e de um senso de propósito: o sentimento de que suas buscas estão conectadas a um objetivo maior.

O que observei na escola, foi que as crianças eram responsáveis por seus aprendizados, ou seja, a partir de uma determinada situação elas buscavam seus próprios meios de solucionar o problema. Conforme Blake Boles (2017, p.78), “atitude é o recurso mais precioso de um aprendiz autodirigido. Para cada prisão, é possível encontrar uma chave”.

Durante os encontros na Vivendo e Aprendendo Fundamental percebi a importância de reaprender a aprender, onde as crianças criavam seus projetos individuais e coletivos, compartilhavam de interesses em comum, e dessas experiências de aprendizagem contribuíam para o desenvolvimento de seus objetivos.

Como já falado, a autonomia é essencial para o processo de ensino e aprendizagem, é a partir dela que o sujeito cria independência e tem controle sobre essa independência, ele é capaz de pensar, agir, tomar decisões e aprender usando a informação disponível. A criança desde cedo deve ser estimulada, ensinada, e capacitada a tomar decisões por si mesmas.

No decorrer desse processo na Vivendo e Aprendendo Fundamental, ficou clara a necessidade de estabelecer a relação entre o professor e o aluno, onde ambos são sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem. O professor não é simplesmente o que ensina e o aluno não é simplesmente o que aprende, os dois aprendem juntos. Freire (2003, p. 23), afirma: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Ainda nas minhas observações, pude perceber que o aluno é um sujeito ativo, construindo seu conhecimento. Segundo Freire (2003), ensinar exige respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber. Daí a necessidade dessa coerência estar junto a minha prática.

Nos projetos individuais as crianças tiveram liberdade de decidir sobre o tema a ser trabalhado, e é a partir dessas escolhas que a autonomia vai se consolidando. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. (FREIRE, 2003)

Juntamente com a proposta da Vivendo e Aprendendo Fundamental, tive a preocupação de procurar construir ações em que a reflexão e o pensamento crítico fossem a fundamentação das minhas práticas. Paulo Freire colabora com essa ideia dizendo:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem que ser de tal modo concreto que se confunda com a prática.
(IDEM, p. 39).

Minha proposta inicial era trabalhar a questão da imagem, como ferramenta para a formação tanto dos alunos quanto dos educadores. Não era um desafio tão novo para mim, já que havia participado do projeto 3 – fase 2 “Educação e Fotografia: práticas e reflexão acerca da imagem nos processos formativos”, onde foi visto alguns temas e conceitos de fotografia e imagem.

Estando na Vivendo e Aprendendo Fundamental fez com que eu estabelecesse uma relação com aquele lugar e com as pessoas que ali faziam parte. Tive que ir me encontrando e para isso passei por momentos de certas inseguranças, angústias e medos. Um verdadeiro caos. Eu estava apenas reproduzindo o que havia feito no Projeto 3 e era isso que estava fazendo com que

eu desanimasse a continuar. Porém, como todo processo de adaptação passa por mudança, eu deveria encarar esses momentos como algo motivador para buscar o que de fato queria fazer.

Sueli Rolnik (1992) atribui:

A "alteridade mudanças significativas no próprio modo de subjetivação: essa abertura para a alteridade enquanto caos e devir-outro que estaria se operando no contemporâneo implica certamente a conquista de uma abertura também na subjetividade, e que essa abertura é na direção de um aquém e um além do eu".

Essa mudança foi responsável para que eu pudesse construir um novo olhar na minha prática, conseqüentemente uma tomada de um pensamento inovador, tive que me colocar no lugar das crianças, repensando as alteridades, para definir quem elas eram, o que elas queriam, identificando-as como autoras do projeto que viria a ser desenvolvido. Segundo o pensamento de Rolnik (1992) abrir-se para a alteridade é abrir-se para a virtual diferenciação engendrada no encontro com o outro, tornar-se um veículo de atualização dessa diferença, um veículo de criação de novos modos de subjetivação, novos modos de existência, novos tipos de sociedade.

A escola Vivendo e Aprendendo Fundamental é uma escola diferenciada, com propostas pedagógicas inovadoras, então resolvi trazer para escola uma proposta diferenciada, mas que continuasse seguindo meu objetivo inicial de trabalhar com a imagem. Sugeri que trabalhássemos com o audiovisual, a construção de um telejornal baseado nos temas dos projetos individuais das crianças, tudo de acordo com os educadores da escola. De acordo com Moran (1995), o vídeo é uma ferramenta que ajuda o professor, atraindo os alunos, não modificando a relação pedagógica.

Ainda sobre a importância do vídeo, como recurso para a formação dos alunos e conseqüentemente para os professores, Masetto (2004) ressalta que o vídeo proporciona maior integração, fazendo surgir novas formas de construir conhecimento e tornando possível o desenvolvimento da criticidade, da curiosidade para buscar novos meios de aprender.

Dentro do trabalho proposto na Vivendo Fundamental, pude perceber que mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas, foi possível adquirir esses novos jeitos de ensinar e aprender. Como o produto final, o telejornal, desenvolvido pelas crianças com minha mediação.

Para viver tudo isso e muito mais, tive que passar por uma série de acontecimentos que sem dúvidas tocaram-me deixando marcas e me transformaram. Surgiu então uma motivação para continuar no que estava fazendo e me envolvendo cada vez mais. Foi uma grande experiência. Larrosa (2009) diz que experiência é “*isso que me passa*”, supõe um acontecimento, o passar de algo que não sou eu.

Foi algo único, que de fato mudou meu jeito de ser, de pensar. Precisava me soltar e permitir ser quem eu sou. A experiência segundo Larrosa (2009) tem lugar, e chama de “princípio da subjetividade” porque o lugar da experiência é o sujeito ou, dito de outro modo, que a experiência é sempre subjetiva. Trata-se, portanto, de um sujeito aberto, sensível, vulnerável. A experiência é, para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio.

A cada encontro era uma reflexão sobre todos os acontecimentos que passaram e que me transformaram. Foram momentos que implicaram uma mudança significativa no que eu era, foram momentos vividos de troca com as crianças. Larrosa (2009) ressalta que experiência é uma relação em que algo passa de mim a outro e de outro a mim. E nesse passa, tanto eu como o outro, sofremos alguns efeitos, somos afetados.

O **objetivo geral** desse trabalho é registrar e problematizar a experiência vivida ao longo de seis meses na Associação Pró – Educação Vivendo e Aprendendo, especialmente na Escola Vivendo e Aprendendo Fundamental. Mesmo atingindo o objetivo proposto, enfrentamos desafios, foi preciso ter a visão de todos que fizeram parte do processo de construção do projeto, ou seja, foi necessário dar voz as crianças, e a partir de cada olhar, encontrar os melhores meios para concretizar o telejornal. Camargo (2008) reforça em seu texto a busca pelo maior número de perspectivas como algo desejável, pois cada visão enriquecerá a abordagem. Nietzsche apud Camargo (2008, in <http://tragica.org/artigos/02/07-gustavo-camargo.pdf>) diz que “*quanto mais* afetos permitirmos falar sobre uma coisa, *quanto mais* olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’.” É preciso “saber utilizar em prol do conhecimento a *diversidade* de perspectivas e interpretações afetivas”.

Ter conquistado um resultado de sucesso, foi algo que me emocionou e consegui ver a importância de estar e ser aberta para o novo, e que independente do tamanho do desafio, deve-se buscar uma motivação para não desistir.

De fato há ainda muita resistência em mudar, visto que muitas escolas e pessoas se acomodam no sistema educacional vigente. Entretanto, a Vivendo e Aprendendo Fundamental mostrou ser uma escola nova, com práticas pedagógicas inovadoras. Um lugar no qual se promove novos olhares e provoca a buscar por mudanças educacionais, com novas práticas. Encontrei o meu processo, minha forma de ser nesta experiência.

Porém, a escola está em processo de construção e fundamentação, há várias pendências a serem resolvidas. Apesar de estar passando por processos de mudanças não é algo que está consolidado ainda.

A escola iniciou em Janeiro de 2017, mas desde sua fundação, como escola de educação infantil, tinha o sonho de expandir para o ensino fundamental. Iniciou com as famílias, depois como uma comissão que chamou Vivendo Mais e no final de 2016 Vivendo e Aprendendo Fundamental. Foi por meio da experiência na escola que motivei a fazer essa investigação. Partiu de questões como educação autogerida, autonomia, dar centralidade nas crianças, visto que, a experiência delas é auto-reflexiva, que produz autonomia, gerando novas alteridades. Decorrendo do pensamento do perfil das pessoas que se envolvem com o projeto da escola; o que de fato o faz existir; como é o dia a dia; como os elementos pedagógicos são desenvolvidos;

Refletindo ainda sobre esses aspectos de novos métodos, inovação, autonomia, decidi fazer algo que me identificasse, por isso resolvi fazer diferente, me aproximei de uma forma mais ficcional: a narrativa. Pensei em escrever um grande conto dessa escola, desse espaço educativo um pouco fora do “normal”. Falando dos personagens principais que são as próprias crianças e como elas vão se envolvendo nos projetos individuais e como chegamos a um produto final de grande sucesso.

Como mediadora de leitura, a narrativa sempre se fez presente na minha vida. Contava inúmeras histórias, e às vezes no meio da história narrávamos algumas experiências, sendo assim, proporcionando um sentimento de reconhecimento com o conto e com a realidade. O diálogo com intervenções, indagava o interesse do outro.

Contar em forma de narrativa ficcional e completamente associada a experiência em um contexto inovador de escola foi um desafio para mim. Foi preciso de fato uma escuta sensível em cada encontro realizado, onde conto justamente sobre uma personagem que decide embarcar em uma viagem para um lugar ainda desconhecido por ela. Buscando por mudanças educacionais. Eu queria de fato que a narrativa fosse presente, então o relato da experiência foi a melhor forma que encontrei para narrar essa incrível aventura.

Em **síntese**, este trabalho apresenta-se como um conto que trata do relato de experiência realizado na escola Vivendo e Aprendendo Fundamental, durante as observações, as vivências e das práticas no estágio supervisionado do Projeto 4, fase 2. Contribuindo para uma reflexão sobre um dos métodos de ensino utilizado na escola: a aprendizagem autodirigida nos projetos individuais, que promove autonomia nos processos de aprendizagem das crianças. Os registros são mais do que meros acontecimentos, estão associados às relações de ensino e aprendizagem. Busca-se a partir do protagonismo central dos alunos, falar como eles vão se constituindo por meio desses projetos individuais e como eles chegam à elaboração de um produto que consegue não apenas registrar, mas sistematizar os trabalhos desenvolvidos por eles. As famílias autorizaram o uso das imagens e identidades das crianças. Tive o cuidado de pegar as autorizações de todas as famílias, educadores e pessoas que participaram do projeto.

Dentre os motivos que **justificam** este trabalho, lista-se inicialmente a minha frustração quanto ao método tradicional utilizado na maioria das escolas, onde o professor é o centro do conhecimento. Indignada com os padrões, lancei-me a buscar por mudanças educacionais, pensando em novas estratégias para uma educação de qualidade. Além disso, também acredito como justificativa a necessidade de reflexão e discussão sobre os processos que interferiram na minha experiência. É importante entender o que me levou a querer buscar o novo, quais caminhos tive que percorrer até chegar à ideia final do projeto.

Como **metodologia**, decidi fazer uma narrativa literária acerca da minha experiência na escola, dessa forma, o trabalho encontra-se organizado em **sete etapas**: começo descrevendo sobre uma jovem garota com sede de viver, que estava buscando por algo novo, inovador, queria encontrar um jeito de ensinar e aprender que fosse diferente dos demais que conhecia, e então ela se lança e aceita o desafio de ir a uma escola nova (1ª etapa); procuro descrever o lugar para onde

ela foi (2ª etapa); em seguida descrevo quais foram as expectativas da garota, quais foram suas primeiras observações do lugar, e seus relatos sobre o dia a dia da escola (3ª etapa); conto como foram suas primeiras aulas, o que aconteceu no meio do caminho, suas idas sem motivação e sua insegurança (4ª etapa); exponho então sua ideia genial, sua vontade de mudar e inovar o que estava fazendo (5ª etapa); enfim, apresento como foi o processo de construção do projeto final, o vídeo telejornal (6ª etapa); e por fim falo sobre a grande apresentação da personagem e suas considerações finais (7ª etapa).

O vídeo foi feito coletivamente e o trabalho foi construir esse dispositivo audiovisual com as crianças e registrar esse fazer coletivo, materializou-se no conto. Esses dois momentos, narrativo literário e empírico foram construídos no contexto da escola Vivendo e Aprendendo Fundamental, como já salientado.

Um dos **objetivos específicos** é relatar minha trajetória na escola para conquistar o que estava buscando: uma mudança educacional na minha formação e no trabalho pedagógico com as crianças e educadores da Vivendo. Não só como forma de avaliar o processo vivenciado, mas também como forma de reconhecer as dificuldades e ir adaptando. Foi por meio da elaboração de um projeto que consegui juntar tudo o que foi feito. Iniciando uma reflexão de como vivenciei as experiências nas práticas pedagógicas da escola, e provocando uma nova maneira de enxergar alternativas de ensino, descobrindo novos caminhos. De acordo com Rodrigues (2012, p.71):

Os fios tecidos, até o momento de entrada na Universidade, para a grande maioria dos estudantes, são pintados com mesmo corante, textura e tamanho. Fios que foram tecidos para atender a todos sem considerar o singular. Isso nos alerta para a importância de uma formação feita na experiência, na reflexão da experiência. Não uma experiência pragmática baseada em tempo e ocupação do espaço, como apregoava Watson (apud SHULTZ; SCHULTZ, 2005), mas uma experiência vivida e transformada pelo outro e pela outriedade.

A JORNADA

Está pronto para embarcar nessa incrível historia em um lugar desconhecido e mágico? Deixarei as portas abertas para que entre, leia e tire suas próprias conclusões. Espero que se envolva e reflita com cada aventura.

1.1 O COMEÇO DE TUDO

Era uma vez, uma garota que se chamava Jeka, ela era aluna da Universidade de Brasília do curso de Pedagogia. Uma menina que foi criada para o mundo e pelo mundo onde vive, uma jovem com sede de viver. Poucos conheciam essa menina, que a cada dia se tornava mais mulher. Sua personalidade um pouco fechada não permitia que as pessoas se aproximassem de sua vida pessoal, mas em questão profissional ela era superaberta.

Desde criança sonhava viajar mundo a fora, descobrir novos lugares, novas culturas, novas tradições e novos métodos de ensino. Também sonhava muito com uma educação de qualidade e que não seguisse padrões antigos.

Dentro de seus pensamentos nasciam vontades que ficavam morando ali por algum tempo e que cresciam cada vez mais. Sua principal vontade era a de mudança. Não aguentava mais guardá-la dentro de si e foi então que decidiu ir atrás de realizá-la.

Ela gostava muito do curso, porém sonhava com algo muito maior do que falavam nas aulas apenas teóricas. Sentia vontade de fazer algo mais. E não via graça alguma em só fazer aquilo o que outros já faziam. Ela queria mais, muito mais.

Jeka, no entanto, só pensava na mudança, acreditava que esses processos eram possíveis, mas não sabia o que fazer para de fato mudar e demorou algum tempo para tomar coragem e ir atrás do que tanto almejava.

Os dias se passaram e então, Jeka partiu, foi para bem longe, nem ela sabia ao certo onde tinha chegado. O caminho à frente, com certeza, era duvidoso. Parava em algumas cidades e via uma educação que sempre a deixava triste.

Às vezes, viajava de ônibus e outras vezes, colocava a mochila nas costas e ia a pé mesmo. Dormia em qualquer lugar e quando escurecia olhava para as estrelas sonhando com uma educação de qualidade para todos e com o desejo de mudança.

Incerta ainda de onde estava indo e do que ia encontrar no meio dessa busca, Jeka começou a pensar se estava disposta de verdade a se lançar nesse desafio, era preciso muita dedicação.

Ela apenas seguiu sua jornada, sem um roteiro definido e com um planejamento flexível. Esse talvez fosse o maior sonho de sua vida: buscar uma educação sempre inovando. Mas, como iria encontrar uma educação e um ensino assim? Pensava Jeka, em direção a um pequeno vilarejo.

Jeka gostava muito de fotografar. Desde quando comprou sua máquina fotográfica semiprofissional não parou mais de registrar cada momento de sua vida. Participou de vários eventos como fotógrafa, inclusive na própria UnB. Além de eventos, ela fez uma disciplina de Projeto 3 – fase 2 “Educação e Fotografia: práticas e reflexão acerca da imagem nos processos formativos”, onde teve junto com os demais alunos trabalhar a questão da imagem em uma perspectiva mais educacional em uma escola pública rural do DF. Ou seja, a fotografia na vida dela era algo que se fazia muito presente.

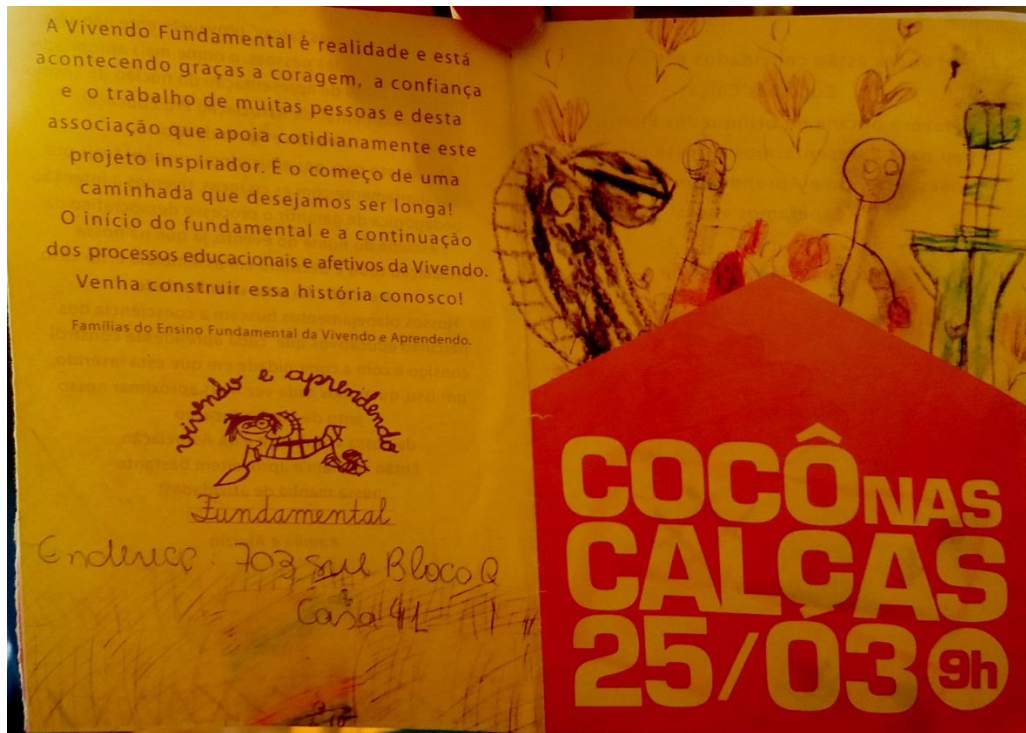
Com sua máquina fotográfica na mão, Jeka ia tirando foto de tudo que via e chamava sua atenção. Desde as nuvens no céu com suas diversas formas até a pequena formiga na grama carregando seu alimento até o formigueiro. Desde os pássaros no ar voando e brincando até os peixes na água nadando de um lado para outro.

De tanto vagar por aí, e de sempre encontrar lugares com escolas estagnadas nos mesmos métodos de ensino, Jeka decidiu parar em uma praça no pequeno vilarejo perto de onde estava para descansar. E não foi bem isso que ela fez. Algo que estava acontecendo ali chamou sua atenção. Um evento meio diferente, muito alegre e muito divertido com muitas crianças, oficinas e pais.

Pouco tempo depois, e após algumas fotos, Jeka descobriu que na verdade o que estava acontecendo na praça era um evento, “Cocô nas Calças”, de uma escola da vizinhança, e as oficinas que estavam tendo eram das crianças que estudavam nessa escola.

Jeka ficou ali se divertindo no meio de tanta energia cativante daquelas crianças felizes, sorrindo, brincando e ajudando nas oficinas, fez as oficinas de brinquedos, de perna de pau, jogou beto e muito mais. Jeka tinha voltado a ser criança sentiu tanta emoção e prazer ao mesmo tempo e ficou irradiante de felicidade.

1. Convite do evento “Cocô nas Calças”



Acervo pessoal, 2017.

2. Oficina de Brinquedos



Acervo pessoal, 2017.

3. Oficina de Perna de pau



Acervo pessoal, 2017.

4. Oficina de Brinquedos



Acervo pessoal, 2017.

Se aquilo foi surpreende para Jeka? Pode ter certeza que sim. Seus olhos começaram a brilhar e não via a hora de conhecer essa escola que antes mesmo de saber como funcionava já queria fazer parte.

Não tinha dúvidas, uma escola que proporciona um evento como aquele, era realmente tudo o que Jeka procurava.

1.2 O LUGAR MÁGICO

Foi no mesmo dia que estava acontecendo o evento na praça, Jeka foi apresentada a escola. E foi caminhando com sua câmera na mão, seguindo uma das mães de um aluno até chegar a uma casa.

5. Entrada da escola



Acervo pessoal, 2017.

Logo no início achou estranho e se questionava como era possível uma escola em uma casa, mas já que buscava algo novo e diferente, encarou aquilo como inovador e sem mais julgamentos foi conhecer. Estava interessada em ver os espaços, ambientes e como tudo se estruturava, foi seguindo o pessoal que entrava na escola.

Falaram um pouco sobre a escola, uma associação de pais, professores e educadores. A ideia e a construção desse espaço educativo foram decididas pelos pais que queriam montar a Vivendo e Aprendendo Fundamental, ou seja, uma situação completamente atípica, que só aconteceria em uma escola associativa, onde há uma coordenação colegiada, composta pelos pais das crianças, educadores, pais do conselho pedagógico e por professoras da Universidade de Brasília, vinculadas ao Projeto de Extensão Diálogos com experiências Educacionais Inovadoras – Autonomia.

Em seguida da grande garagem, na sala, mencionaram que os alunos tinham um interesse em comum: o xadrez. Elas chegavam e começavam a jogar, xadrez nunca foi um jogo que Jeka gostava, mas sempre achou muito bonito quem sabia jogar e ouvir que todas, e não só uma criança jogava, foi um desafio para a garota começar a aprender e praticar.

Nesse mesmo local, encontrava-se um grande tatame azul, lugar onde acontecem as rodas de conversa, as discussões dos planejamentos e debates. Uma questão chamou atenção da garota: as crianças são inseridas nas discussões não só do planejamento mais de toda a escola, onde dão suas respectivas opiniões

sobre determinado assunto. Algo de fato inovador, com elementos muito fora da média.

Uma das mães de aluno que estava apresentando a escola, disse que além de serem inseridas nas discussões também eram divididas em escalas de limpeza e plantão com as famílias, como por exemplo, trocar a toalha, os papéis higiênicos do banheiro, e cada dia um é responsável por essa atividade.

6. Xadrez



Acervo pessoal, 2017.

7. Tatame Azul



Acervo pessoal, 2017.

Para cada espaço da casa, as crianças deram um nome. A cozinha, conhecida como “guarda itens”, tem acesso livre. O esquema do lanche é feito por um acordo no começo do dia, porém não é algo fixo. Parte do princípio de que se está com fome, você vai comer e não necessariamente todos comerão na mesma hora. Eles podem sair para lanchar, sair da atividade, fazer mais um lanche.

Lá o banheiro também recebeu outro nome: “sala do cocô e do xixi”.

Ainda no primeiro andar da escola, existe um espaço para o jardim, que estava passando por um processo de limpeza do local. As crianças estavam decidindo o que plantar, entrando em consenso do que elas queriam colocar nesse espaço. Um dos educadores da equipe de apoio ia uma vez por semana dar aulas de jardinagem para os alunos.

8. “Guarda Itens”



Acervo pessoal, 2017.

9. “Sala do Cocô e Xixi I”



Acervo pessoal, 2017.

10. Jardim



Acervo pessoal, 2017.

Jeka estava encantada com tudo o que estava conhecendo, cada cômodo receber um nome específico dado pelas próprias crianças era fantástico. E foi andando pela escola, desceu as escadas e se deparou com a “sala de cinema”. Um ambiente grande e um pouco escuro. Deve ser por isso que escolheram ser a sala do cinema, pensou a garota. Havia ainda um largo armário com brinquedos doados e emprestados. Ainda no andar de baixo encontrava-se um espaço de leitura, com diversos livros para o interesse de cada um.

12. Armário de brinquedos



Acervo pessoal, 2017.

11. “Sala de cinema”



Acervo pessoal, 2017.

13. Espaço de leitura



Acervo pessoal, 2017.

Depois subiram as escadas e foram para a sala do planejamento. A conversa ali foi mais demorada, pois Jana começou a explicar como efetivamente era o ensino da escola e a aprendizagem dos educandos. Explicou, primeiramente, que a turma não é seriada, as crianças tem entre 7 e 10 anos. A escola baseia-se na metodologia em projetos. Inicialmente, desenvolveram os projetos coletivos, para que os alunos se socializassem e aprendessem coletivamente, mas também para instrumentalizar as crianças para construir seus projetos individuais. A perna de pau, os brinquedos, a agroflorestal, por exemplo, são alguns dos projetos coletivos.

A escola têm dois educadores, e junto com os demais da coordenação colegiada pensam a parte pedagógica e a desenvolvem com as crianças.

Apresentam o planejamento às crianças, que discutem, opinam e pensam juntos. Assim, elas têm voz ativa e clareza do que irão fazer durante a semana.

Dentro dessa coordenação, foi realizado o levantamento dos interesses e o mapeamento de cada criança. A escola trabalha tanto as questões das relações, os conflitos e os interesses em comum, quanto pensa os projetos individuais. Conseguindo desenvolver atividades que trabalhem tudo isso.

Duas semanas antes de Jeka conhecer a escola, as crianças já estavam empenhadas nos seus projetos individuais. Temas que variavam desde a Primeira Guerra Mundial, Mitologia Grega, Felinos e Eletricidade. A ideia era que dentro de todos os projetos entrariam as tutorias, não descartando os coletivos que acontecem paralelamente, e a partir da necessidade de outras intervenções, alguém ia e dava uma oficina específica, ou uma conversa presencial ou virtual, ou mesmo oficinas de campos temáticos específicos, como matemática, alfabetização, ciências, história ou geografia.

As crianças sentiram a falta de uma agenda para anotarem o dever de casa, e a coordenação, no entanto, não tinham estipulado o uso de uma, e ao invés de comprarem uma agenda, convidaram uma pessoa para dar uma oficina, e cada um fez a sua.

No mesmo andar da “sala do planejamento”, tinha a “sala da tartaruga”, uma sala administrativa. O nome foi devido à doação de uma tartaruga de pelúcia com a cabeça descosturada que foi levada para aquele cômodo e que ficou por lá mesmo, e quando as crianças foram nomear os espaços, elas decidiram que o nome seria “sala da tartaruga”.

Havia ali também, um ambiente para as reuniões da coordenação, e o espaço da culinária, com fogão de lenha. As crianças durante a culinária têm acesso a todas as ferramentas, e fazem todo o processo.

14. – “Sala do Planejamento”



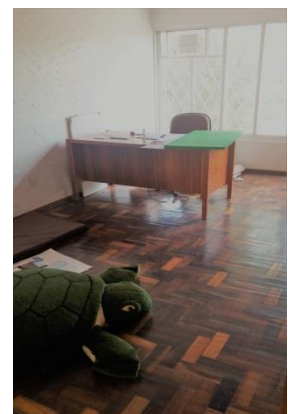
Acervo pessoal, 2017.

15. Agendas



Acervo pessoal, 2017.

16. – “Sala da Tartaruga”



Acervo pessoal, 2017.

17. Espaço da Culinária



Acervo pessoal, 2017.

No final da visita na escola, todos que estavam ali, inclusive Jeka, receberam uma lembrancinha feita pelas crianças. Um saquinho com alguns biscoitinhos.

Jeka voltou para praça já com a ideia de fazer parte daquela escola. Entrar em um lugar desconhecido, como a Vivendo e Aprendendo Fundamental, a fez descobrir coisas novas que chamaram atenção, e quis se desafiar a fazer algo diferente e melhor do que jamais havia feito. E foi logo conversar com alguém da coordenação para saber o que precisava para começar.

1.3 A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE VALE?

Jeka conseguiu o que queria. Depois de uma semana do evento na praça, a jovem retornou na escola Vivendo e Aprendendo Fundamental. A proposta inicial de Jeka foi trabalhar uma vez por semana a questão da imagem, estava um pouco apreensiva com a ideia, pois não foi algo que partiu diretamente da garota, mas ela não questionou e aceitou o desafio.

Como já falado, Jeka gostava de fotografar, tirava foto de tudo, e como também já participou durante seu curso na Faculdade de Educação do projeto 3 – fase 2 “Educação e Fotografia: práticas e reflexão acerca da imagem nos processos formativos”, a fotografia e a imagem eram recursos alternativos pedagógicos para aprender e ensinar. E como estava buscando por mudanças significativas não pensou duas vezes antes de aceitar a proposta de poder ir para a Vivendo e Aprendendo Fundamental.

Questões como a origem da fotografia, elementos fotográficos, entender a imagem em movimento, produzir materiais concretos para uma reflexão acerca da imagem, foram alguns dos objetivos do projeto Educação e Fotografia, e assim Jeka quis levar um pouco dessa bagagem para a escola que agora iria trabalhar.

Porém, antes de começar efetivamente sua docência, Jeka tirou um dia para fazer algumas observações, saber como era o dia a dia da escola, conhecer melhor as crianças que estudavam lá e os dois educadores.

A escola é um projeto ainda em construção, com cinco crianças e grandes desafios. Jeka estava com as melhores expectativas no início do projeto, na esperança que funcionasse logo de cara.

Assim que Jeka chegou a Vivendo e Aprendendo Fundamental, foi falar com um dos educadores sobre o trabalho que iria desenvolver sobre a imagem. Foi completamente aceita pelas Jeka aguardava as crianças chegarem e assim sentaram no tatame azul e cada um se apresentou.

Jeka conheceu Sofia, Artur, João, Marina e José, as cinco crianças que estudavam na escola. Falou sobre o trabalho que gostaria de desenvolver com eles, e não foi tão empolgante quanto achou que fosse, mas não se abalou, continuou sua observação.

A proposta da escola é um pouco diferenciada das demais que já tinha visto. Lá o trabalho é feito a partir de projetos, como havia aprendido na primeira visita à escola. Porém, um desde o início chamou sua atenção: o projeto individual. Queria conhecer mais sobre essa metodologia de aprendizagem autodirigida, onde os alunos escolham seus temas dos projetos, o que iam aprender e buscavam seus meios de aprendizagem, gerando certa confiança naquilo que estavam estudando. Então, foi atrás de descobrir que temas eram aqueles.

Observando mais calmamente os espaços da escola, Jeka foi até a sala de planejamento onde encontrou uma síntese do que estava e vinha a ser trabalhado na escola. E como já previsto, estava com sua câmera fotográfica na bolsa e tirou algumas fotos daqueles mapeamentos e planejamentos.

Encontrou algumas folhas fixadas na parede, e nelas estavam inclusas algumas coisas importantes, como:

- Objetivo geral: construção de vínculos e coletividade (diálogo, respeito, participação, democracia);

- Objetivos específicos: rotina, coletivo e individual, relacionar os gostos com as áreas do conhecimento, sexta feira, sequência didática, projetos;
- Áreas do conhecimento: linguagem oral e escrita, linguagem matemática, espaço geográfico, história, ciências naturais, artes visuais, música, corpo e movimento, identidade, ecologia, tecnologia;
- Construção do ambiente escolar: localizar e nomear os espaços, organizar, rotina, caixa de memórias (individual), caixa de ideias (coletiva), caixa matemática, construção do espaço individual das crianças. Biblioteca, espaço da culinária, jardim, informática;
- Atividades e interesses coletivos: perna de pau, praça (rua), jardinagem, xadrez, bloquinho?, máscaras, imagem(audiovisual), envolvimento com a comunidade, caixa de ideias, visita as casas das crianças, caixa matemática, culinária, contação de histórias, ferramentas, bėti, pesquisa;
- Atividades e interesses individuais:
 - José: corpo, perna de pau, máscara, caixa da memória, bicicleta;
 - Artur: carrinho de rolimã, xadrez, rock n'roll (Raul Seixas), carnaval, caixa da memória, futebol, matemática;
 - Sofia: produção manual, escrever, caixa da memória, argila;
 - Marina: produção manual, ciência (espaço, mecânica...), caixa da memória;
 - João Pedro: México, fotografia, caixa da memória, viajar pelo mundo, futebol, matemática.

Foi ali que Jeka observou que certamente aquele lugar não tinha um método tradicional de ensino, o que a deixava imensamente empolgada em realizar seu trabalho. Era um espaço aberto para aprendizagem, completamente flexível, e com certeza com crianças ativas em seus processos de formação.

Desceu as escadas e foi encontrar as crianças, perguntou a cada uma sobre os projetos individuais que estavam produzindo, e um por um foi falando sobre seu tema. Artur e João escolheram falar sobre a Primeira Guerra Mundial, já Sofia optou por pesquisar sobre os felinos. Marina preferiu eletricidade e dispositivos, enquanto o José decidiu estudar sobre mitologia grega. Eram temas curiosos, ainda mais para a idade deles.

Jeka se encantou com a forma que as crianças iam se deslocando dentro da escola. Elas buscavam fazer algo que gostavam que as deixassem felizes, mas ao mesmo tempo havia a base de tudo, o respeito. As crianças confiavam nos educadores e vice versa

Nesse mesmo dia, de observação, houve uma parte do planejamento destinado à culinária, o prato era macarrão ao molho pesto com frango, uma delícia. E uma questão importante nisso tudo é que de fato as crianças foram divididas em tarefas, cada uma ficou responsável por uma atividade. Cortar o tomate, separar as folhas de manjeriço, botar a água para ferver. É lógico, não tem total foco, às vezes era preciso chamar atenção de um ou de outro, mas no final todos participaram de forma coletiva e colaborativa para o processo da culinária.

O que Jeka viu, foi uma forma completamente diferente de se trabalhar em uma escola. Um jeito de ensinar que tem como objetivo desenvolver capacidades autônomas nos alunos, gerando também capacidade intelectual e mais importante à capacidade de se relacionar, se expressar, se comunicar. Nessa nova escola, a garota reparou que as crianças aprendem através da experiência, onde buscam caminhos para solucionar determinado problema, e sempre aprimorando tudo isso, ou seja, aumentando cada vez mais a autonomia conquistada no dia.

Há trabalhos também fora da escola, como por exemplo, na praça, onde as crianças tem contato com a natureza, além das aulas de jardinagem. Fazem atividades onde desenvolvem a criatividade, e não aprendem apenas com o professor, aprendem com os colegas, com a natureza e com as diferentes experiências. A principal ideia da Vivendo e Aprendendo Fundamental, e a que Jeka encontrou depois de tanto procurar, é a de formar cidadãos críticos e autônomos. O trabalho é realizado por meio de práticas e integrando com a realidade.

No final do dia foram jogar beto, fazia tempo que Jeka não brincava e no começo estava resistindo, não queria jogar, mas depois de todos insistirem ela foi com tudo. Como se divertiu, fazia tanto tempo que não brincava que gastou todas suas energias. Jeka percebeu que precisava se aproximar das crianças e foi por meio da brincadeira que começou a se relacionar com cada uma. Puxava assunto com uma aqui, conversava com outra lá, e assim já foi percebendo as que eram mais resistentes em criar afeto. Foi fundamental aquele momento para garota, assim ela ia estudando as diversas maneiras de trabalhar com os alunos no seu primeiro dia de docência com eles.

Todos voltaram para a escola, e comeram uma deliciosa macarronada. Os alunos ficaram esperando seus pais chegarem e enquanto isso, Jeka observou que um dos educadores anotava os comunicados e as tarefas nas agendas dos estudantes.

Jeka começou a fazer algumas considerações em seu caderno sobre aquele seu primeiro dia na escola. Para a jovem não era uma escola “normal”, era uma escola totalmente diferente, estava fascinada com a estrutura, fora do convencional, os educadores, que eram parceiros, a metodologia pedagógica que fugia de tudo que Jeka já havia visto, a forma de interação, tudo era diferente. Um espaço que visa muito além do conhecimento do estudante, e sim ele na sua individualidade, um espaço que traz felicidade, os alunos aprendem também se divertindo.

A jovem se interessou pelos projetos individuais, por essa aprendizagem autogerida que traz a possibilidade da criança ter autonomia, buscar seus meios de aprendizagem. O professor como o mediador estimulando sempre o educando e criando novas estratégias para uma educação de qualidade, todas essas novas práticas pedagógicas, era tudo que Jeka procurava como mudança na educação, na forma de ensinar e aprender.

1.4 CADÊ O ÂNIMO?

Na semana seguinte, Jeka já estava no planejamento organizativo da semana na escola. Ela estava muito ansiosa para sua primeira aula. Como sua proposta era trabalhar com a questão da imagem, a jovem resgatou uma das aulas que havia produzido no projeto em que participou sobre fotografia. Teve uma conversa com um dos educadores e descobriu que os alunos já haviam feito a câmera escura e então ela partiu para outro tema: elementos da fotografia.

18. Exemplo de Planejamento Organizativo

PLANEJAMENTO SEMANAL – 03 a 07 de abril de 2017					
Rotina	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Roda inicial	Socialização do final de semana Novidades Planejamento	Registro da rotina			
		Pesquisa	Bioconstrução	Aula de Imagem (Fotografia)	Brinquedos ópticos
Atividade na escola	Ligar Kennedy	Caixa da memória			
Lanche	Lanche				Piquenique nos Quadradões
Atividade na praça (brincadeiras de rua)	Fema de pau/bicicleta	Beti	Compra de Hamster	Béti	
Leitura e pesquisa	Computador pesquisa	Casa na Arvore de 26 andares		Computador	

Chegou à escola, e foi preparando o material, enquanto isso as crianças foram chegando e assim, todos sentaram na roda no tatame azul. Jeka explicou como seria a aula, houve muita confusão para ter atenção, os alunos estavam um pouco dispersos, mas conseguiu resolver logo a situação.

Como fazer foto sem utilizar a câmera? Essa foi a pergunta norteadora na aula de Jeka. No primeiro momento lembrou a câmera escura, junto com as crianças, foi explicando como foi a primeira descoberta. É uma caixa escura, composta por duas caixas uma com um buraco e na outra um papel fotossensível. Perguntou como era formada a imagem, e uma das crianças respondeu que era de cabeça para baixo. Explicou que era muito utilizada para desenhar e pintar.

Jeka quis trazer um pouco mais de curiosidade para aula, e questionou se eles sabiam o que é a fotografia? Disse que antes da máquina fotográfica veio algumas ferramentas de imagens, como as pinturas rupestres, o teatro de sombra, a lanterna mágica, entre outros.

Explicou que a fotografia arquiva o momento, é uma interpretação da realidade, é uma arte e uma linguagem universal, que pode transmitir sentimentos e emoções.

No segundo momento da aula, trabalhou a com a questão da narrativa. Mostrou uma foto de Sebastião Salgado, e pediu para eles inventarem uma história para a foto.

19. Os Bebês de Sebastião Salgado



Fonte: Site: Imagem & Visions

Depois de inventarem uma historia, Jeka disse o que era a foto de verdade: bebês no telhado de um centro da Fundação para o Bem-Estar do menor em São Paulo.

Na visita anterior Jeka pediu aos alunos que trouxessem fotos que tivessem algum significado para eles. E então depois eles fizeram a mesma atividade só que de forma oral e com cada foto dos colegas. Foi muito produtivo, pois todos participaram e quiseram falar, Jeka achou muito divertido. Ela conseguiu trabalhar com a individualidade e por sua vez com a autonomia das crianças.

Por fim, no terceiro momento trouxe a atividade do enquadramento, distribuiu para cada criança uma foto junto com um papel preto. Pediu para que pensassem que o papel preto fosse o quadro, as bordas em volta do papel a moldura. Explicou que enquadramento é colocar a foto dentro de um quadro, de uma moldura. Logo em seguida pediu para eles recortarem uma moldura e escolhem a parte da foto o que queriam colocar dentro do quadro, e depois escrevessem uma legenda para aquele recorte.

20. Aula de enquadramento



Acervo pessoal, 2017.

Finalizou o encontro explicando para eles que a leitura da foto é baseada muitas vezes a partir do ponto de vista de cada pessoa, da experiência de cada um, por isso, pode ter inúmeras interpretações para uma única foto.

Quando acabou a aula, os alunos foram para praça e escolheram andar de bicicleta e se divertir, enquanto Jeka parecia estar um pouco decepcionada com a discussão que tinha mediado. Não pensou muito nisso e foi com eles para a praça também. Uma das alunas não sabia andar de bicicleta sem rodinha, então Jeka se dispôs a ensiná-la. Foi um momento que Jeka relembrou sua infância, buscou na memória o dia em que tinha aprendido andar de bicicleta sem rodinhas e contou para Marina, que antes de aprender levou muitas quedas e se machucou um tanto.

21. Marina andando com rodinhas



Acervo pessoal, 2017.

22. Jeka ensinando Marina andar sem rodinhas



Acervo pessoal, 2017.

Ao mesmo tempo em que Jeka ensinava Marina a andar sem rodinhas na bicicleta, o restante do pessoal estava jogando bete e, conforme o planejamento coletivo, uma das professoras da Universidade de Brasília, chega com seu jeito sereno de ser. Ela tinha levado um livro para fazer uma contação de história. Então, todos sentaram em roda no gramado mesmo, e começaram a ouvir a história da chapeuzinho amarelo.

23. Jogando bete



Acervo pessoal, 2017.

24. Contação de história



Acervo pessoal, 2017.

Esse final do dia foi o que fez Jeka se esquecer da experiência do início da tarde. Sabia que deveria fazer algo diferente da próxima vez, mas não sabia o quê...

Chegou um momento da experiência da jovem garota que não estava mais se encontrando, não via o que estava fazendo como algo que fosse de coração e de alma. Estava desanimada em continuar na escola, pois se sentiu insegura em sua primeira aula, não estava se sentindo a vontade em continuar trabalhando daquele jeito.

Por isso, houve um encontro posterior, no qual, não estava tão animada. Levou uma dinâmica quebra gelo para trabalhar com as crianças, com o objetivo de introduzir a importância de trabalharem juntos nos encontros que ali decorreriam. Era a brincadeira da balinha, com propósito de mostrar a importância de um ajudar o outro, e como utilizar a criatividade para resolver problemas que envolvam o trabalho e equipe.

Pedi para que todos se reunissem formando um círculo, em seguida, Jeka distribuiu uma balinha fechada para cada participante. Orientou que cada um segurasse a balinha com a mão direita esticada para frente, enquanto a mão esquerda ficaria para trás, sem ser utilizada em momento algum. O único movimento que podiam fazer era para cima ou para baixo, para esquerda ou para direita, e

quem dobrasse seria eliminado. E lançou o desafio, todos deveriam desembulhar a balinha.

Foi muito engraçado, pois todos estavam morrendo de vontade de comer a saborosa balinha, mas demoraram um pouco para descobrir que deveriam trabalhar juntos, pois cada um deveria comer a balinha do outro. Jeka teve que dar algumas dicas, alguns não estavam conseguindo. Mas no final todos comeram e ainda pediram mais.

Depois da dinâmica, Jeka ficou só observando as crianças trabalhando em seus projetos coletivos e individuais. Ajudou o Artur e o João nas pesquisas sobre a Primeira Guerra Mundial para o projeto deles. Ficou olhando eles desenhar e pintar uma atividade que os educadores entregaram para eles.

25. Crianças fazendo atividade de pintura



Acervo pessoal, 2017.

Nesse dia, Jeka não fez muita coisa. Estava sem motivação para continuar trabalhando na Vivendo e Aprendendo Fundamental. Ficou pensando muito em sua aula anterior. E refletiu sobre o que tinha feito se estava realmente no caminho certo. Não era isso que Jeka queria, reproduzir aulas que já havia dado em semestres anteriores. Ela queria fazer diferente, algo que realmente valesse à pena. Ela estava no melhor lugar para se jogar e experimentar algo novo. Levar um jeito novo de aprender, mas infelizmente, não sabia o que fazer.

Saiu de lá pensando no que poderia produzir com as crianças, mas que não deixasse seu tema principal de lado, a imagem. E que trouxesse junto os temas dos projetos individuais de cada um. E pensou, e pensou, e pensou... Até que...

1.5 O DESPERTAR

Como Jeka estava insatisfeita e insegura em trabalhar daquela forma com as crianças, pensou em se arriscar. Era tudo incerto ainda, com conquista ou derrota, glória ou fracasso, a garota tinha que ir além. Porém aquele medo que estava sentindo não podia lhe impedir de ir adiante, de buscar um novo caminho.

E não foi isso que aconteceu. Ela pensou em trazer algo que ainda envolvesse a imagem, a fotografia. E sugeriu trabalhar com o audiovisual, a elaboração de um vídeo, o qual tivesse algum vínculo com a formação das crianças.

Foi um momento que ela teve que se colocar no lugar das crianças, saber o que de fato elas queriam ou adorariam fazer, devido estar sentindo que aquilo tudo não estava sendo suficiente. Porque até então ela estava assumindo o papel de “professor” sendo centro da informação, coisa que ela considerava não ser necessário o tempo todo. Mas como tudo na vida tem seus altos e baixos, uma força maior a impulsionou a continuar.

Teve que de alguma forma colorir seus pensamentos negativos e transformá-los em grandes arco-íris de ideias, pensar em novas estratégias no ensino e aprendizagem, buscar por uma metodologia diferente. Que proporcionasse novas oportunidades para o processo de formação e conhecimento das crianças.

E foi então que levou a ideia da construção de um telejornal, a construção de um vídeo, uma ferramenta tecnológica que contribuísse para trabalhar com os projetos individuais das crianças, que ajudasse a entender o conteúdo, fazer com que as crianças aprendessem fazendo.

Primeiro Jeka se questionou qual era de verdade sua intenção em desenvolver aquele projeto, e concluiu que como queria uma mudança de qualidade, e estava em uma escola que proporcionava novos olhares, não teve outra opção a não ser inovar, adaptar a metodologia dos processos educativos, e conseqüentemente mudar a forma de olhar para os conteúdos dos projetos individuais. E assim encontrou uma motivação para realizar um incrível projeto.

1.6 CONSTRUINDO O PROJETO

Chegou finalmente o dia em que Jeka levou a proposta para as crianças, inicialmente perguntou o que eles queriam fazer, deu a opção de escolherem um projeto fotográfico com um tema norteador. Explicou que a partir daquele momento o

projeto e o trabalho que viria a ser desenvolvido era deles, eles seriam os autores principais dessa construção. Deu outra ideia a de realizar um vídeo. E foi essa opção que todos escolheram.

Jeka fez uma breve explicação do projeto, eles deviam pensar em uma problemática e algumas perguntas norteadoras, e como escolheram fazer um vídeo era preciso dividir os alunos em equipes de produção, filmagem e repórter. Entraram em consenso e decidiram trabalhar com os temas dos projetos individuais. Então pensaram juntos em fazer um telejornal.

Separaram todo o plano do telejornal, e tudo foi decidido em conjunto com as crianças, onde elas sugeriam, davam ideias, opinavam sobre cada passo e assim foram montando o planejamento do projeto.

Ficou decidido que os temas seriam os dos projetos individuais:

1. Primeira Guerra Mundial;
2. Eletricidade e Dispositivos;
3. Deuses e Monstros da Mitologia Grega
4. Jardinagem e AgroFloresta.

E que se chamaria “Jornal Vivendo Fundamental”.

O motivo de realizar um projeto como aquele era para Jeka, em primeiro lugar, para fazer uma síntese e uma breve apresentação dos projetos individuais das crianças. E segundo para mostrar que a utilização de vídeos pode se tornar um processo educativo, e um importante meio de comunicação e informação de conhecimento, que dependeria muito da forma como se planejar e organizar o projeto. Aprofundar questões de ensino aprendizagem, construção de conceitos e juntamente desenvolver capacidades diversas nas crianças.

Aqui outro **objetivo específico** era juntar os alunos da escola Vivendo e Aprendendo Fundamental para trocarem informações e conhecimentos mais importantes em seus projetos individuais, selecionando os principais materiais e pesquisas já realizadas por eles.

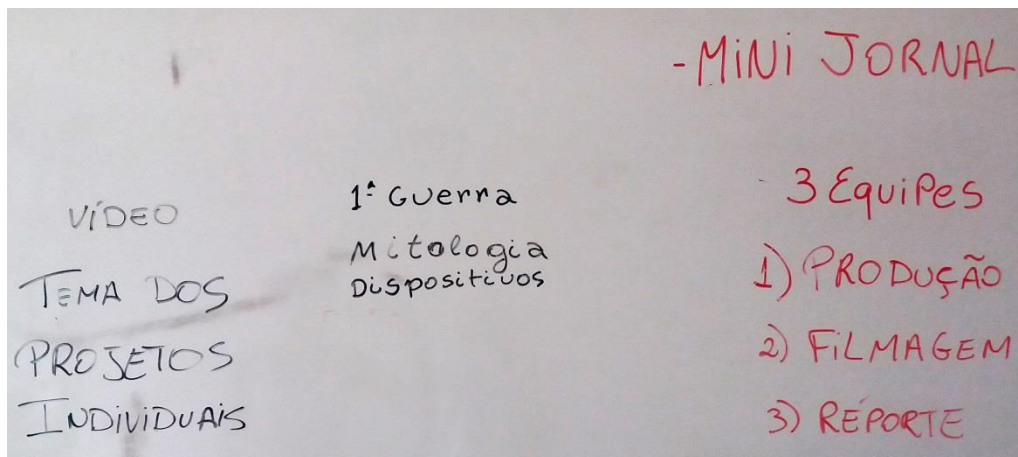
A metodologia se dividiria em quatro fases, a primeira seria reunir o grupo para escolher cada etapa do projeto, mostrar os objetivos, decidir o nome do telejornal, escolher os recursos e separar os grupos de acordo com os temas. A segunda fase era selecionar as perguntas, fazer os cartazes com as perguntas e ensaiar. A terceira, montar o cenário, organizar as pessoas em suas devidas

posições e começar e filmar. A quarta e ultima fase seria editar tudo, e que Jeka se encarregaria de fazer.

Decidiram alguns recursos que iriam precisar, como câmara para filmar e tirar foto, microfones, figurinos apropriados de acordo com a função, cenário, cartazes com as perguntas, toalha de mesa, e alguns outros que foram pensando a medida que iam trabalhando.

Deveriam pensar quais perguntas relacionadas ao tema do dia para os repórteres fazerem aos entrevistados. E fizeram um esboço do cronograma de quando e em que ordem o projeto se realizaria. Tudo foi feito em grupo, decidido e aprovado em conjunto, tanto o tema, como o titulo e os dias de filmagem e grupos.

26. Estruturando o projeto do telejornal



Acervo pessoal, 2017.

E, foi depois de decidirem tudo, que iniciaram a incrível aventura. O primeiro grupo foi sobre a Primeira Guerra Mundial. Jeka chegou e perguntou se todos estavam prontos e se não estava faltando nada. Os entrevistados eram o João e o Artur que desde o começo decidiram falar sobre esse tema.

Logo em seguida Jeka pediu para que os meninos escolhessem as perguntas que poderiam ser feitas para eles pela repórter Sofia. E assim todos contribuíram na escrita das perguntas, todas as crianças estavam participando e não viam a hora de começar a filmar.

Depois que fizeram os cartazes com as perguntas todos foram para sala de reunião que ficava no andar de cima da escola. E começaram a montar o cenário, havia uma grande mesa e por cima colocaram um pano, sobre a mesa separam alguns materiais, como notebook, papeis, canetas e até copo com água. Jeka tinha levado alguns microfones, porém as crianças não quiseram utilizá-los.

27. Sofia na mesa com o pano e alguns materiais



Acervo pessoal, 2017.

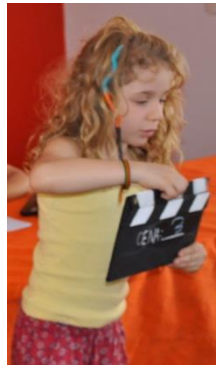
O José estava encarregado de filmar, de utilizar a câmera, e a Marina estava com a função de ir dividindo as cenas. Jeka pediu ajuda aos educadores, para que um deles segurasse as perguntas para Sofia poder ler. Enquanto isso a jovem ficaria responsável por gravar o áudio a parte, pois ficaria mais fácil na hora de editar.

28. José com a Câmera



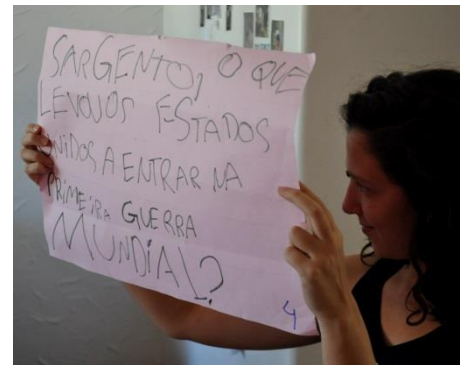
Acervo pessoal, 2017.

29. Marina com a claquete



Acervo pessoal, 2017.

30. Educadora com o cartaz



Acervo pessoal, 2017.

Uma das principais medidas que Jeka tomou foi a de entregar para os alunos as ferramentas, os recursos para que eles pudessem trabalhar de forma ativa e colaborativa, ou seja, mudando a relação com o professor e com o ambiente de aprendizagem. Ela devia deixar de ser a figura controladora e passar a ser a figura facilitadora. Estando ali apenas para mediar o processo de construção do projeto.

João e Artur providenciaram um figurino. E cada um foi assumir sua posição. Começaram a ensaiar. Como todo começo é um pouco assustador e difícil, não foi

diferente para Jeka. Tomar a frente foi algo que sempre deixou a garota insegura, mas nada como o tempo para resolver as coisas. E assim tudo foi se ajeitando.

No ensaio encontraram algumas dificuldades para começar a gravação. Esse início de produção do vídeo consistiu um grande desafio para todos, principalmente no domínio das ferramentas utilizadas. A câmera deveria estar estável e eles não tinham um tripé, tiveram que improvisar. Com a ajuda de um dos pais das crianças, fizeram um tripé improvisado com caixas e fitas, e assim começou a gravação.

31. Sofia como repórter



Acervo pessoal, 2017.

32. Todos em posição



Acervo pessoal, 2017.

33. Tripé improvisado



Acervo pessoal, 2017.

Foram algumas tentativas antes de conseguir o material adequado para Jeka poder editar. Sem dúvidas, houve muita dispersão, risos, momentos de estresse, mas depois de quase duas horas gravando, chegou o final do primeiro dia de filmagem.

Jeka tinha encontrado o que procurava, e o que a deixava feliz, pois começou a desempenhar com os alunos um processo de ensino e aprendizagem dinâmico e alegre, onde todos podiam colaborar. A jovem percebeu que cada criança tinha um tempo e um ritmo para fazer as coisas, e ela deveria esperar esse tempo.

Esse projeto certamente viria para enriquecer a metodologia da escola. Jeka trouxe uma forma de ensinar na qual as crianças pudessem se divertir e aprender ao mesmo tempo. Aprender a esperar a vez do próximo, a utilizar uma câmera, a se apresentar frente a filmadora, a elaborar perguntas e a responder corretamente. Era um projeto com uma abordagem inovadora.

Dando sequência aos dias das gravações, era a vez do segundo grupo. Só que dessa vez eles iriam gravar em um lugar diferente, na Vivendo e Aprendendo Infantil. iam gravar com um dos educadores da equipe de apoio, o tema sobre Jardinagem e AgroFloresta. Tudo já estava decido. Entretanto, foi diferente, quando chegou na Vivendo e Aprendendo Infantil, já havia toda uma programação e infelizmente, tiveram que cancelar a filmagem do dia.

Mas não foi tudo perda de tempo, nesse dia as crianças ensinaram as outras a andar de perna de pau, e Jeka se aventurou também. Como achou difícil se equilibrar naquelas duas pernas de pau, e admirou as crianças que conseguiam. Foi por pouco que quase não caiu, mas viu que se ficasse mais um segundo ali, ia se machucar feio. Depois dessa façanha, as crianças e Jeka foram comer uma deliciosa macarronada. E assim, Jeka ficou preocupada, pois havia atrasado um dia de filmagem.

34. Jeka com perna de pau



Acervo pessoal, 2017.

35. Prato de macarronada



Acervo pessoal, 2017.

Jeka foi para a Vivendo e Aprendendo Fundamental, para um novo dia de trabalho com o projeto do telejornal, era a vez do tema Eletricidade e Dispositivos. Sofia tinha se juntado com a Marina no projeto do tema e então foram as duas entrevistadas pelo Artur. A câmera ficou com o João e o José ficou na parte da produção, dividindo as cenas.

Esse foi um dia muito produtivo. Jeka dessa vez providenciou um tripé de verdade e foi muito mais fácil trabalhar com aquele novo equipamento. As crianças estavam mais a vontade e Jeka também, já sabiam o que fazer e não precisou de muito esforço para conseguir gravar.

Com o mesmo esquema de montagem do cenário do primeiro dia de gravação, as crianças montaram rápido o lugar para filmar. Dessa maneira, eles conseguiram acabar bem mais rápido, já tinham pegado o jeito de fazer a coisa. Todos se ajudaram e coletivamente tiveram um melhor desempenho.

Teve algumas pequenas dispersões de rotina, mas Jeka conseguiu mediar logo os problemas. Já não estava mais insegura, estava muito mais confiante que aquele projeto iria ter um grande resultado no final.

Estava estimulando o significado dado a aprendizagem constituída pelos alunos sobre cada tema, eles tinha que encontrar, por exemplo, na hora de formular as perguntas, quais eram as mais importantes para aprender sobre aquele assunto do dia. As crianças já estavam mais comprometidas, se dedicando mais. Jeka, a cada encontra estava despertando o interesse dos alunos, construindo uma relação de confiança com as crianças, pois elas eram os principais autores do telejornal.

36. Artur como repórter



Acervo pessoal, 2017.

37. Sofia e Marina entrevistadas



Acervo pessoal, 2017.

38. Artur, José e João



Acervo pessoal, 2017.

Toda a preparação e todo o processo nesse dia fez Jeka se sentir confiante, e com isso mostrava para crianças certo carinho, assim elas se sentiam bem com todo o decorrer do projeto que estavam desenvolvendo. Jeka foi criando afinidade com os alunos, de forma que ambos se importavam com o outro. Era um desafio conquistar a confiança de cada criança.

O terceiro dia de filmagem foi o mais rápido. Era a vez do tema Deuses e Monstros da Mitologia Grega. O repórter dessa vez foi o João e o entrevistado foi José, o Artur ficou com a filmagem, Sofia na produção, com a claquete e Marina tinha faltado nesse dia.

Foi um dia diferente desde o começo. Jeka percebeu que o humor da turma estava irradiante. Deu boa tarde e ouviu o que cada um tinha para lhe dizer, perguntou como eles estavam, e disse que sentia saudade deles. Foram preparando o ambiente e posicionando os devidos equipamentos.

Esse início o trabalho é fundamental, é um momento importante para fortalecer o vínculo com as crianças, criando laços e aumentando a afetividade de ambos os lados. Os alunos eram os que davam força para Jeka persistir naquele projeto. Ela via que realmente eles estavam presentes.

Como todos já sabiam suas funções, depois que José dividiu suas perguntas para a entrevista e cada um escreveu um cartaz, foram gravar. Foi surpreendente! A dinâmica entre as crianças estava outra. Elas não estavam precisando de mais nenhuma orientação, estavam fazendo tudo por elas mesmas.

Brincavam e ao mesmo tempo se desempenhavam para concluir o projeto. Dava para ver que elas estavam gostando de realizar o telejornal, e Jeka ainda mais por ter conseguido encontrar algo que a motivasse de continuar e não desistir daquele desafio de estar em busca de mudanças de qualidade. Aquilo era de fato, inovador, e estava mostrando ser uma estratégia alternativa de ensinar e aprender.

O interessante de tudo isso, era que Jeka também aprendia com os alunos, principalmente sobre esse tema que estava esperando chegar. Descobriu coisas que não conhecia sobre mitologia e ficou encantada com a capacidade deles em aprenderem sozinhos temas como esse.

39. João como repórter



Acervo pessoal, 2017.

40. Sofia, Artur e José



Acervo pessoal, 2017.

Enfim, o último dia de gravação chegou, foi muito difícil marcar e encontrar um dia que o educador da equipe de apoio, o entrevistado do dia, conseguisse ir a Vivendo e Aprendendo Fundamental, mas deu tudo certo. O tema do dia era

Jardinagem e Agrofloresta. Artur, João e Marina ficaram como repórteres, Sofia ficou filmando e o José ficou na produção.

Sabe aqueles dias que todos estão agitados e tudo influencia para que fiquem mais ainda, pois é. Esse último dia de filmagem, foi bem agitado. Jeka tinha que estar preparada para dias como aquele. Era importante ser flexível, prestar atenção em tudo. Os alunos estavam mais dispersos, foi um pouco difícil decidir as funções de cada um.

Houve algumas complicações. Primeiro, como se tratava do tema sobre jardinagem, escolheram fazer no quintal da escola, mas não estava dando muito certo, havia muita luz e estava atrapalhando a imagem na câmera. Jeka que estava mediando o processo do telejornal acabou se ferindo muito.

Quando estavam no jardim havia uma árvore cheia de espinhos minúsculos, e ela acabou esbarrando com sua cabeça perto da árvore, seu coro cabeludo ficou repleto de espinhos. Mas não podiam parar e decidiram retornar para o local que fizeram todas as outras filmagens.

41. Tentativa de filmagem no quintal



Acervo pessoal, 2017.

Escolheram as melhores perguntas para fazerem, e assim escreveram em uma folha suas respectivas questões. Quando subiram não quiseram colocar a mesa no cenário, decidiram que os três repórteres iriam ficar em pé mesmo. Jeka

não questionou nada, se eles queriam que fosse daquele jeito e que não iriam atrapalhar nada, os deixou escolherem a melhor opção.

Em menos de vinte minutos conseguiram concluir as gravações. O educador foi muito prestativo e colaborou bastante com tudo. Tudo o que as crianças pediam para ele fazer ele fazia, foi muito divertido, pois ele é uma pessoa incrível e que estava ali para ajudar.

42. Educador da equipe de apoio



Acervo pessoal, 2017.

43. Artur, Marina, João e Sofia



Acervo pessoal, 2017.

Chegando ao final dessa parte do processo do projeto do telejornal, Jeka precisava começar a editar todos os vídeos, todas as fotos e todas as gravações. Demorou cerca de dois dias para conseguir concluir toda a edição, pois precisava juntar tudo em um único vídeo. E com muito esforço e paciência ela finalizou a produção audiovisual que se dispusera a fazer.

Não estava satisfeita só com o vídeo, então ela pensou em fazer algo mais. Decidiu também juntar todas as produções escritas dos alunos, com as respectivas perguntas sobre todos os temas e fazer um folheto para entregar no grande dia da apresentação.

Esse foi, com certeza, a parte mais trabalhosa. Jeka tinha tirado foto de todas as perguntas e queria mostrar o mais importante, a escrita dos alunos e não apenas as questões que haviam elaborado. E mais uma vez com muita paciência, Jeka editou foto por foto e conseguiu elaborar um lindo folheto, com o nome do telejornal, Jornal Vivendo Fundamental, com os temas, com as perguntas, e com os créditos com os nomes de cada participante.

A GRANDE APRESENTAÇÃO – CONSIDERAÇÕES DE UM FINAL

Chegou o grande dia da apresentação final. Preparou o material e levou para a reunião na Vivendo e Aprendendo Infantil. Assim que chegou à escola, Jeka encontrou todos os pais e mães dos alunos que haviam produzido o telejornal junto com ela. Estava um pouco ansiosa e foi arrumar a sala, o computador e esperou para dar o play no vídeo. Antes disso, Jeka quis explicar como foi o processo de construção do telejornal.

Disse que viveu um momento, onde observou que tudo o que passou valeu a pena. No final do processo sentiu uma imensa paz de ter conseguido chegar a algum lugar, mas sabendo que a realização de tudo o que passou, de ter concluído seu projeto estava no caminho que foi percorrido e não na chegada final em si.

O objetivo do projeto foi de capacitar os alunos a desenvolverem seus pensamentos críticos, e eles durante a produção iam se posicionando dizendo o que queriam e o que não queriam. Além disso, desenvolver estratégias a fim de enriquecer os conhecimentos acerca dos temas dos projetos individuais. Por isso utilizou a ferramenta audiovisual, na construção do telejornal, no processo de ensinar e aprender.

Jeka quis levar às famílias esse novo sentido de aprender, que apresentou o que as crianças tinham de melhor, e assim encontraram a forma de serem produtivos. A menina decidiu levar algo que as crianças gostavam e foi isso que os motivou a ficarem mais interessados em desenvolver o projeto.

Uma proposta educativa que de fato faz repensar o modelo educacional. O uso da tecnologia em prol da aprendizagem e em prol do melhor desenvolvimento educacional. Jeka percebeu que a base de todo o processo de formação é o respeito, ninguém estava acima de ninguém.

Ela criou um ambiente dinâmico, proporcionando uma maior participação e uma experiência de aprendizagem mais rica para os estudantes que só foi possível, pois o lugar onde estava, a escola Vivendo e Aprendendo Fundamental, é um lugar novo e aberto que permitiu que ela também experimentasse o novo.

Salientou que a escola se constitui como um espaço de educação onde as crianças são as principais personagens. É uma escola que está se constituindo ainda, lá as crianças são o centro. O objeto da escola é que as crianças sejam elas,

tenham autonomia, mas que essencialmente elas aprendam nesse processo de desenvolvimento que passa por elas.

Com sua atenção voltada ao trabalho autogerido das crianças, Jeka conseguiu fazer um processo de registro. Não apenas um registro, mas de sistematização do trabalho feito pelas crianças em um processo de uma escola mais inovadora como a Vivendo e Aprendendo Fundamental, não viu problema algum em fazer um projeto de registro mais confortável no campo de condução dos processos das crianças. Os registros eram fundamentais para a aprendizagem, permitindo assim, que todos refletissem sobre o que foi aprendido durante o semestre. Ela usou o vídeo como um recurso valioso nos processos de aprendizagens das crianças, auxiliando tanto na formação dos professores quanto no ensino e na aprendizagem dos alunos.

O projeto autogerido não é isolado. A escola tem os projetos coletivos, os projetos individuais autogeridos e os inter-projetos (espaços temáticos), as oficinas, que faz uma ligação entre as temáticas das crianças e os projetos coletivos, inseridos nos projetos curriculares. E no segundo semestre houve a inserção de encontros individuais com o educador no contra turno no laboratório de aprendizagem.

O maior desafio encontrado por Jeka foi conquistar a confiança de cada aluno. Teve que ir percebendo as características e personalidade de cada criança, para que assim pudesse permear entre elas e conseqüentemente fazer com que elas de alguma forma confiasse nela.

Jeka contou que sempre era uma diversão ir e trabalhar com aquelas crianças. Sempre era um aprendizado, ver a quantidade de conhecimento que elas possuíam era algo realmente encantador.

Foi o melhor projeto que a garota já tinha feito no curso de Pedagogia. Foi uma experiência nova, sair do tradicional não é tão simples assim, mas estar aberto para novas oportunidade é fundamental. Aprendeu muito com todos que fizeram parte de sua jornada. Foi um processo longo e muito trabalhoso, mas com um resultado surpreendente. Viu a importância das crianças buscarem seu conhecimento através de atitudes autônomas para escolher um tema.

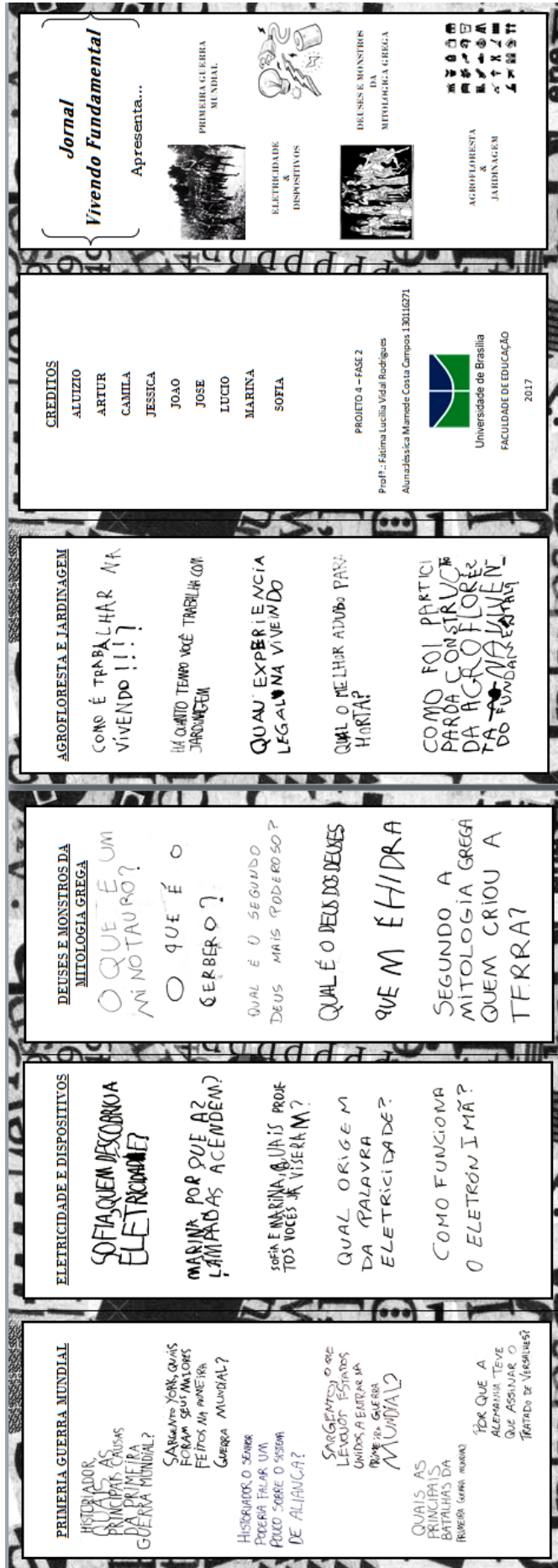
O vídeo do telejornal mostra claramente que foi sim um trabalho que teve muito esforço de todas as partes, mas principalmente das crianças que fizeram o trabalho acontecer. Houve, sem dúvidas, um significativo avanço em todo o trabalho

mediado por Jeka nos processos de aprendizagem dos alunos, mas ainda tem muito que aprimorar, pesquisando e descobrindo maneiras de facilitar o projeto como um todo.

Então antes de dar finalmente o play no vídeo, Jeka distribuiu para cada pai e mãe o folheto que tinha feito com a produção escrita dos alunos. E por fim deu play. Foi muito aplaudida e quando se chega ao resultado final com excelência se sente orgulhosa com o trabalho que desempenhou.

Jeka sem dúvidas assumiu de forma progressiva junto com os educadores da escola e com as crianças o papel de docente, que a ensinaram muito mais do que ela poderia ter aprendido. Ensinaram-lhe a passar por cima das dificuldades com cabeça erguida, e que a educação é sim um dos maiores valores da vida.

44. Folheto produzido com as escritas das crianças.



Acervo pessoal, 2017.

PARTE 3 - PERSPECTIVAS FUTURAS

Cursar Pedagogia sempre esteve presente nos meus objetivos, brincava de dar aula e montava minha sala de aula, fazendo meus exercícios, mas sempre quis ir além. Agora que conclui essa etapa e novos caminhos e horizontes vão se abrir para minha futura vida profissional, fico na expectativa de abarcar todas as minhas experiências adquiridas, vividas e refletidas durante minha formação acadêmica, e adquirir cada vez mais conhecimento.

Eu pretendo fazer viagens conhecendo as mais diversas formas de se ensinar e com isso fazer uma pesquisa de métodos de ensino que de alguma forma compreende a necessidade de mudança e com isso esbarrando nas mais variadas dificuldades, pois todo processo de mudança demanda tempo e requer muita força de vontade para se obter resultados.

Quero ser uma nômade e me tornar uma pesquisadora nômade que vaga pelo mundo a fora, já que fui criada para o mundo e pelo mundo quero viver. Espero que dessa minha futura experiência eu possa me descobrir enfim como uma educadora.

REFERÊNCIAS

BOLES, Blake. **Aprendizagem Autodirigida** : 23 dicas para você dar a si mesmo uma educação não convencional. Primeira. ed. São Paulo: Afferro Lab e Multiversidade, 2017. 217 p.

CAMARGO, Gustavo Arantes. **Sobre o conceito de verdade em Nietzsche** . Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche ? 2º semestre de 2008 ? Vol.1 ? nº2 ? pp.93-112. Disponível em: <<http://tragica.org/artigos/02/07-gustavo-camargo.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 27 ed., 2003 (Coleção Leitura)

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do sul, v.19, n. 2, jul/dez, p. 1-24, 2011.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. São Paulo, SP: Papirus, 2004.

MORAN, José Manuel, **“O vídeo na sala de aula”**. In Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

RABELO, Fernando. **Os bebês de Sebastião Salgado**, Imagem & Visions. Fotógrafos Brasileiros. 2013. Disponível em: <<http://imagesvisions.blogspot.com.br/2013/01/os-bebes-de-sebastiao-salgado.html>>. Acesso em: 07 maio 2017.

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal. Título. In: **Ciências e Letras**, Porto Alegre, nº 52, p. 69 – 80, jul/dez. 2012

ROLNIK, Suely . **À sombra da cidadania**: : alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. 1992. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

APÊNDICE

APENDICE A. TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu _____, responsável pela aluna(o) _____, da Escola Vivendo Fundamental, Asa Sul/DF, autorizo que fotos e filmagens que incluam minha/meu filha/o sejam feitas e utilizadas em apresentações de pesquisas acadêmicas para:

- a) fins pedagógicos;
- b) divulgação do trabalho da escola (informativos, encartes, folders, jornais internos e/ou semelhantes);
- c) fins de publicação em site, blog's e similares;
- d) para fins de divulgação em trabalhos científicos (artigos, TCC, etc.).

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos e não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Distrito Federal, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do responsável

Nome: _____

RG.: _____ CPF: _____

Telefone: () _____

Endereço: _____

APENDICE B. TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____
CPF: _____, Identidade: _____,
Endereço: _____,
Telefone: _____, Celular: _____,
E-mail: _____, autorizo que fotos

e filmagens da minha imagem sejam feitas e utilizadas em apresentações e pesquisas acadêmicas para:

- a) fins pedagógicos;
- b) divulgação do trabalho da escola (informativos, encartes, folders, jornais internos e/ou semelhantes);
- c) fins de publicação em site, blog's e similares;
- d) para fins de divulgação em trabalhos científicos (artigos, TCC, etc.).

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos e não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Brasília – DF, ____ de _____ de 2017.

Ass. _____